

Catástrofe segura: o custo de não reconhecer a mudança climática

Em 6 de setembro de 2017, enquanto Houston se recuperava do furacão Harvey e milhões de pessoas na Flórida e no Caribe se preparavam para o furacão Irma, a tempestade mais poderosa já registrada nas margens do Oceano Atlântico, o presidente Donald Trump viajou para Mandan, Dakota do Norte, e fez um discurso diante de uma refinaria de petróleo elogiando o papel de seu governo na redução da proteção ambiental e na defesa da indústria de combustíveis fósseis. Ele elogiou a construção dos gasodutos Dakota Access e Keystone XL, e vangloriou-se de se retirar do acordo climático de Paris.

Assim, enquanto as catástrofes climáticas estavam atingindo os Estados Unidos, Trump – o homem que disse que a mudança climática era uma invenção chinesa – estava fazendo tudo o que estava ao seu alcance para garantir futuras catástrofes.

Coincidentemente, Trump visitou Dakota do Norte perto do primeiro aniversário do “Dia do Cão”, que comemora um feroz ataque canino desencadeado pelos guardas do gasoduto Dakota Access contra os protetores de água pacífica que estavam se manifestando contra a sua construção. Os guardas reprimiram os manifestantes com gás e golpes, e os cães morderam os protetores de água e seus cavalos. Um dos cães tinha sangue a pingar do focinho. Democracy Now! estava lá, gravando tudo o que tinha acontecido.

O gasoduto Dakota Access tem sido um símbolo especialmente poderoso para o movimento de resistência à mudança climática, que questiona a lógica da extração de combustíveis fósseis e apela a uma mudança para uma economia sustentável baseada em energia renovável.

Os índios chamam Dakota Access de “a cobra negra”. O oleoduto, que custou US\$ 3,8 bilhões e tem 1886 quilômetros de extensão, foi projetado para transportar até 500 mil barris por dia de petróleo bruto fraturado hidraulicamente dos campos de petróleo bruto Bakken, no Dakota do Norte, passando por Dakota do Sul e Iowa até o sul de Illinois, onde seria conectado a outro oleoduto para transportar o petróleo para a costa dos EUA no Golfo do México.

A partir de abril de 2016, milhares de nativos americanos da América Latina, Estados Unidos e Canadá se reuniram no Dakota do Norte para a maior ação coletiva de tribos nativas em décadas. O apelo foi liderado pela tribo Standing Rock Sioux, que insistiu que o gasoduto sob o rio Missouri, mesmo a montante do seu reservatório, poderia contaminar irreversivelmente não só o seu abastecimento de água potável, mas também o de 17 milhões de pessoas a jusante.

Os campos de resistência continuaram a crescer. Em resposta, os Parceiros de Transferência de Energia, proprietários do gasoduto, juntamente com o Xerife do Condado de Morton, intensificaram e militarizaram a repressão. Os meses de resistência em Standing Rock tornaram-se um ponto alto nos anais da resistência não violenta, com numerosos atos de desobediência civil criativa e corajosa realizados sob a liderança espiritual das comunidades Lakota e Dakota.

Em resposta aos protestos em massa e à violenta repressão policial, o governo Obama ordenou a suspensão da construção de alguns oleodutos. A vitória parecia ao alcance... e então Donald Trump ganhou a eleição presidencial.

Em 24 de janeiro de 2017, quatro dias depois de assumir a presidência, Donald Trump assinou ordens executivas para acelerar a construção e operação do gasoduto Dakota Acces, bem como o controverso gasoduto Keystone XL, cuja construção o presidente Barack Obama havia bloqueado após anos de grandes protestos e desobediência civil. Até 1º de junho, os Parceiros

de Transferência de Energia disseram em um comunicado de imprensa que o oleoduto estava “operacional”, o que presumivelmente significa que ele teria começado a transportar petróleo.

Pouco antes, o portal de notícias The Intercept publicou um relatório baseado em 1.100 páginas de documentos obtidos, detalhando como um grupo de mercenários militares e de inteligência chamado TigerSwan vinha aconselhando os Parceiros de Transferência de Energia e a polícia do Dakota do Norte há meses. The Intercept informou: “TigerSwan fala dos manifestantes como ‘terroristas’, das suas ações directas como ‘ataques’ e dos campos como ‘campos de batalha’, revelando como a dissidência dos manifestantes foi não só criminalizada, mas tratada como uma ameaça à segurança nacional”.

No mês passado, os Parceiros de Transferência de Energia entraram com uma ação judicial contra grupos ambientalistas como Greenpeace International, Earth First! e outros, acusando-os de incitar o “ecoterrorismo” contra a construção do gasoduto. Annie Leonard, diretora executiva do Greenpeace, respondeu à acusação em entrevista ao Democracy Now: “O termo ‘ecoterrorismo’ foi realmente usado para difamar um tipo de ativismo protegido pela Constituição dentro do marco do direito à liberdade de expressão e baseado em descobertas científicas. Estão tentando criminalizar um protesto saudável e justo.”

0 custo? 0 planeta

Diante da devastação que os furacões catastróficos estão causando em vastas regiões dos Estados Unidos e do Caribe, está claro qual é a verdadeira ameaça à segurança nacional: a mudança climática e a indústria de combustíveis fósseis que a está intensificando.

Bill McKibben, fundador de 350.org, disse em uma entrevista

sobre Democracia Agora! direita no meio do furacão Harvey: “Basicamente, estamos chegando ao fim do jogo. Temos de avançar para 100% de energias renováveis, e temos de o fazer rapidamente. Por enquanto, é claro, Trump é favorável à indústria de combustíveis fósseis. Estas empresas estão a realizar todos os seus desejos neste país. Mas como muitas coisas que o Trump toca, acho que este é o seu último suspiro de ar. As pessoas estão começando a associar a loucura de entrar a toda velocidade neste futuro de estufa com o presidente mais tolo e desequilibrado que já tivemos em nossa história”.

Original: [Democracy Now](#)